

ENTREVISTA

JUVENTUDES

Rosa Maria Bueno Fischer*

Diversidade: A partir de tuas pesquisas e estudos, quais entendimentos sobre juventude vens construindo?

Rosa Maria: Desde que comecei a debruçar-me sobre o tema da juventude (por ocasião da pesquisa para a Tese de Doutorado, concluída em 1996, portanto, há 20 anos), cada vez mais se acentua a ideia de que não podemos nem fixar tempos nem modos de ser jovem. A ideia plural de “juventudes” fica cada vez mais forte; acho que se torna bem mais rico pensar em “trajetórias juvenis” diversas, marcadas por um certo tempo histórico, político e social, mas também por muita imprevisibilidade. Interessa-me escutar jovens, observá-los, vê-los em situação de debate, nas suas angústias, desejos e sonhos – sem indagá-los sobre um certo ponto de chegada. Ao contrário, interessa-me estar com eles, sejam eles de que grupo social eles vierem, debatendo sobre os modos pelos quais eles buscam afirmar-se, inscrever-se no mundo; os desejos e sonhos que os movem, como criação de si mesmos, nessa condição precária de ausência de certezas. Um dado importante parece ser (pelo menos nos últimos estudos que fiz) o de que (para estudantes de Ensino Médio e de cursos universitários, na região metropolitana de Porto Alegre, em instituições públicas e privadas, entre 13 e 29 anos), a vida adulta perdeu o poder de sedução que tinha anteriormente. Ser adulto parece que não é mais, para muitos jovens, um lugar desejado de chegada. Para muitos autores, o que ocorre é o contrário: o lugar da juventude é o grande ponto a ser alcançado, o próprio lugar que seduz e que interpela não só a criança (que anseia tornar-se rapidamente adolescente) como o adulto (capaz de realizar todas as operações possíveis em seu corpo para manter-se belo e juvenil)

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFRGS. Pesquisadora I-C do CNPq

Percebemos hoje um tempo virtual que comporta movimentos constantes e intercambiáveis para os papéis geracionais: assim, por exemplo, pais admitem aprender com os filhos, adultos por vezes parecem não ter qualquer problema em afirmar que as crianças e jovens ensinam-lhes coisas novas; estes, por sua vez, têm à disposição, também, os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação como locus educacional. As diferenciações geracionais vão se tornando múltiplas e complexas; definem-se as categorias de pré-adolescente, adolescente, jovem, jovem adulto – entre tantas outras, que surgem num espaço de tempo muito rápido.

Diversidade: Muitas pessoas utilizam o termo adolescência e outras juventudes em seus escritos; o que aproxima ou distancia esses termos?

Maria Rosa: Em poucas palavras: quando fiz minha primeira pesquisa, em 1996, eu ainda usava o termo "adolescência", num tempo em que observávamos uma diferença gritante entre meninos e meninas de classe média e alta, chamados de teenagers, propriamente adolescentes; enquanto os mais pobres, de periferia, eram tratados pelo nome genérico de "menores". A pesquisadora da USP, socióloga Marília Sposito, chamou minha atenção, pessoalmente, sugerindo que eu falasse mais amplamente em "juventude", de modo a contemplar uma ampla faixa, em que caberiam também as figuras dos pré-adolescentes, adolescentes. Faz algum tempo, tenho preferido as palavras "jovem", "juventude" – mas sem menosprezar essa categoria que, talvez, seja mais específica do campo da psicologia e da psicanálise. Sem falar em questões relativas, por exemplo, ao Estatuto da Criança e do Adolescente. De qualquer forma, é bem importante a gente pensar em como vai-se alterando a compreensão do que seja um "jovem" hoje (alguns chegam a tratar pessoas de 40 anos como jovens) – dependendo do critério usado (já saiu de casa? Formou nova família? Etc. Etc.).

Diversidade: Como podemos propor um trabalho pedagógico pensando, hoje, na categoria juventude entrelaçada às categorias de classe, gênero, sexualidade, raça, etnia entre outras?

Rosa Maria: Como respondi na primeira questão, entendo que há todo um trabalho a ser feito com jovens das diferentes faixas de idade, e que se aconteça a partir da criação de ambientes

privilegiados de “escuta”, em primeiro lugar. Há uma carência da genuína disposição de “conversar” com esse Outro, diferente de nós (e ao mesmo tempo tão próximo). Em segundo lugar, entendo que as diferenças de classe, gênero, etc., podem ser tratadas especialmente por meio de um trabalho cotidiano que seja impulsionado pela arte – pelo acesso a obras literárias, filmes, imagens das artes visuais, etc. –, em que adultos e jovens experimentem a beleza de outros modos de mostrar e de dizer o mundo. Minha experiência mais recente, com alunos universitários, tem sido a de assistir bons filmes com eles, debatê-los e – mais do que isso – convidá-los a criar, pela escrita, a partir das narrativas fílmicas. Fugir dos filmes blockbusters, apostar em histórias e imagens repletas de lacunas, interpelativas de um sujeito que as complete ou que as questione – tem sido uma prática extremamente rica de escuta desses jovens de diferentes classes sociais. A experimentação do cinema iraniano ou japonês, por exemplo, tem sido uma maneira de conversar com esses estudantes sobre como existem formas tão diversas de vida e pensamento; e também como é possível, na diferença, nos encontrarmos amorosamente com o Outro.

Diversidade: Como tens promovido em tuas pesquisas a discussão sobre juventude, mídia e os espaços públicos e privados?

Rosa Maria: Cotidianamente, em minhas pesquisas, aparecem discussões sobre nossas formas de vida, nossas escolhas éticas principalmente, envolvem um gesto político, em que se misturam questões do mundo privado e do mundo da polis. O cinema tem sido uma fonte importante em minhas pesquisas com jovens; igualmente a televisão e a publicidade. Nós discutimos os modos pelos quais se constroem verdades ditas “de todos”, e das quais muitas vezes nos tornamos sujeitos. Debates: em que medida temos um cuidado político e ético com aquilo que é público? Por que tem acontecido de nos interessarmos bem mais por aquilo que é da ordem do privado (da vida amorosa, sexual, etc., de pessoas famosas e de outras bem mais próximas de nós) do que aquilo que seria da ordem do público? Como isso é construído diariamente? Na votação do impeachment, os deputados fizeram uma triste demonstração dessa escolha pelo privado, invocando, numa situação extremamente delicada, o amor pela mulher ou pelo filho, etc. Observamos que esse é um tema em aberto, a ser consistentemente analisado, pensado, discutido, no sentido de uma formação ampla dos jovens e de todos nós.

Diversidade: De que modo percebes a relação entre juventudes e práticas de consumo, difundida por diversos artefatos culturais na atualidade?

Rosa Maria: Em meus estudos, o tema do consumo certamente está presente, mas sempre vinculado a uma discussão maior, relativa aos modos como por vezes nossas escolhas privilegiam um eu privatizado e isolado, em detrimento de um olhar mais amplo, que considere efetivamente a alteridade. Ao mesmo tempo que mostramos aos jovens filmes como os de Kiarostami, Marjane Satrapi, Akira Kurosawa, Majid Majidi – só para citar alguns diretores do Irã e do Japão –, também entremeamos nossas discussões sobre a alteridade com menção a peças publicitárias, programas de TV e comparamos os modos de existência propostos nessas diferentes narrativas. Lembro de vários alunos simplesmente não entenderem por que, num filme como Filhos do Paraíso (de Majid Majidi), o pai de uma família não usava para si as pedras de açúcar que quebrava para levar à mesquita. Como assim? – perguntavam-me os jovens -, se o açúcar estava ali e era só pegar uma ou duas pedras e usar para o consumo do chá? Ou seja: aliamos a discussão sobre consumo ao debate sobre a alteridade e a ética.

Diversidade: Percebe-se, nos tempos atuais, uma tendência dos/as jovens em visibilizarem todos os fatos de suas vidas nas redes sociais, deixando públicas quase todas as informações de sua intimidade. De que modo entendes que a escola poderia abordar tais questões?

Rosa Maria: A alta visibilidade de nossas vidas privadas (não só por parte dos jovens, certamente) nas redes sociais tem seu preço: a extrema exposição acaba correspondendo a um desejo de mostrar-se belo e desejável, como se criássemos ali uma vida paralela. Por outro lado, numa época de tantos descabros políticos, e também de tanta manifestação de rua (a rua virtual, idem), parece que esses meios acabam por ampliar o debate a respeito de uma ética (do corpo, da sexualidade, da vida amorosa, da própria atuação política). Acho que a escola não pode ficar fora disso: pode abrir, a meu ver, canais de comunicação também pelas redes sociais, de modo a convocar os jovens, criativamente, a um debate sobre este presente tão difícil. A educação para a delicadeza pode e deve fazer parte da ação da escola, no âmbito das redes sociais.

Diversidade: Como desconstruir os modelos de juventude produzidos pela mídia?

Rosa Maria: Acho que já respondi anteriormente: a escuta, a delicadeza das relações, o uso permanente da arte (os vários tipos de criação artística), a abertura genuína ao outro-jovem – esses são caminhos que tenho buscado.

Diversidade: Tens alguma sugestão de site, livro ou filme que contribua para discussão das juventudes no espaço escolar?

Rosa Maria: Sugiro filmes como **Persépolis**, animação de Marjane Satrapi; **Mary and Max** (animação de Adam Elliot); **Boyhood**, de Richard Linklater; **Filhos do Paraíso** (de Majid Majidi); **Últimas Conversas** (de Eduardo Coutinho).

Quanto a livros, acho que alguns textos teóricos são básicos:

ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (Org.). **Culturas Juvenis no Século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. **A Escola “Faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1105-1128, outubro 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100> Último acesso: 10 de junho de 2016.

Sugiro ainda o blog do professor Paulo Carrano: <https://paulocarrano.wordpress.com>

Finalmente, penso que alguns livros já clássicos (como **O Apanhador no Campo de Centeio**, de J. D. Salinger), além de outros mais recentes, são bem sugestivos para pensarmos esse momento particular da vida, por exemplo: **Aos 7 e aos 40**, de João Azanello Carrascoza; **O Paraíso são os Outros**, de Valter Hugo Mãe; **Bom Dia, Camaradas**, de Ondjaki (este livro trata da perspectiva de jovens sobre Luanda, nos anos 1980).